

## UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA LINGUAGEM DE CHICO BENTO EM ALGUNS QUADRINHOS DE GIBIS

---

### **Alexandre José Schumacher**

Docente do curso de bacharel em Secretariado Executivo e Técnico em Secretariado do IFMT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso. Bacharel em Secretariado Executivo Bilingue - UNIOESTE, Bacharel em Administração Hospital - UNIPAN. Especialista em Educação com ênfase em Docência do Ensino Superior - UNIPAN. Especialista em Comércio Exterior - UCB. Mestre em Administração de Empresas - UTCD. Doutorando em Economia e Direção de Empresas - UNIRIOJA/ Espanha. alexandre.schumacher@cba.ifmt.edu.br

### **Keyla Christina Almeida Portela**

Docente do curso de bacharel em Secretariado Executivo e Técnico em Secretariado do IFMT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso. Bacharel em Secretariado Executivo Bilingue - UNIOESTE, Licenciada em Letras - inglês - CEFETPR. Especialista em Educação com ênfase em Docência do Ensino Superior - UNIPAN. Especialista em linguística Aplicada em Língua Estrangeira - UNIOESTE. Mestre em Educação - Universidade Internacional - Lisboa; doutoranda em Educação - UTCD. keylaportela@bol.com.br

### **RESUMO**

Pretende-se neste artigo observar alguns conceitos de língua e linguagem. Também desenvolver-se-á um estudo fundamentado nas teorias sociolinguísticas mostrando a relevância em evidenciar o caráter variável da Língua, em suas variedades linguísticas por meio dos quadrinhos de Chico Bento. Os autores baseados foram: Labov, Saussure, Hall, Bagno, Calvet, Mussalin e Bentes, Possenti, Benveniste, Neves, Bakhtin, Bloch e Trager.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

língua.preconceito lingüístico.sociolingüística.

## ABSTRACT

*This article intends to observe some concepts of speech and language. Also it will develop a study based on sociolinguistics theories, showing relevance in evidencing the changeable character of the language in the linguistic varieties of Chico Bento comics. The based authors were: Labov, Saussure, Hall, Bagno, Calvet, Mussalin e Bentes, Possenti, Benveniste, Neves, Bakhtin, Bloch e Trager.*

## KEYWORDS:

*language. linguistic preconception. sociolinguistic.*

## INTRODUÇÃO

A linguística é a ciência que estuda, sistematicamente, a linguagem humana duplamente articulada, buscando responder todas as questões que envolvem este foco, além disso, ela pode ser definida, segundo Calvet (1993), como o estudo da comunidade social em seu aspecto linguístico.

Com isso, este artigo tem como objetivo de retomar os conceitos da língua, conceitos de linguagem, o preconceito linguístico na comunidade de fala rural e mostrar algumas de suas variações.

Será feito um estudo de caso com base na sociolinguística, que considera todos os acontecimentos sociais como variações linguísticas. Além disso, neste estudo de caso dar-se-á relevância a Sociolinguística Variacionista, a qual, segundo Mussalin e Bentes (2003), examina a linguagem no contexto social recorrendo a variações derivadas de tal contexto.

## 1. LÍNGUA E LINGUAGEM

A língua acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Inversamente, pode-se supor que certas atitudes sociais ou manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta

Saussure (1995), diz que há um lado individual e um lado social da língua que, por sua vez, é impossível conceber um sem o outro. No que se refere

ao individual pertence à fala, sendo ela múltipla, ilimitada, heterogênea e não se reduz a um sistema, enquanto que o social pertence à língua, a qual constitui um sistema de signos verbais sociais por natureza que se apresenta de forma homogênea.

Esta divisão é conhecida como a primeira dicotomia realizada por Saussure. O conhecido mestre genebrino ateu-se ao estudo da língua escrita, isto é, priorizou os sistemas de significação, porém, não deixou de reconhecer que a língua falada é “o embrião da linguagem”.

Com o passar dos anos, muitos filósofos e estudiosos da linguagem como Bloch e Trager (1942) e Bakhtin (1992) começaram a perceber que a prioridade feita por Saussure em estudar a língua de forma abstrata, não era suficiente para entendê-la.

Para Bloch e Trager (1942), a língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera.

Por volta dos anos 60 e 70, alguns autores como Bakhtin (1968) e Labov (1983) fizeram constantes reflexões que geraram mudanças em relação à concepção de língua. Labov (1983) afirma que a língua não é apenas um meio de informação, mas uma maneira de inserir o indivíduo num grupo social.

Assim, por meio da fala, a língua se concretiza na sociedade. Masip (2000) argumenta que a língua “não é um produto acabado, mas um processo em constante evolução” revelando então, a função primordial da fala para a ocorrência do caráter evolutivo da língua.

Para Bakhtin (1992), a língua é uma atividade essencialmente social dada as condições inquestionáveis de comunicação entre os falantes. Além disso, para ele a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.

A língua passa a fazer parte da sociedade influenciando-a e sendo influenciada, está em contínua mudança e vive um eterno refazer-se a cada instante, a cada situação de fala, a cada geração de falantes.

A partir disso, passou-se a direcionar uma atenção quanto à relação entre Linguagem e Sociedade, a qual resulta na base constituinte do ser humano. Portanto, o sujeito que utiliza a língua em sociedade é o detentor de um sistema de comunicação que está vinculado com um sistema de significação da realidade.

Língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra. “É dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 1976, p.75), dado que ambas só ganham existência pela língua. A língua é manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar. É pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens. A linguagem sempre se realiza dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular.

Possenti (2000) diz que a linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos.

Assim, a língua falada é representada por um conjunto de variedades. “Língua e variação são inseparáveis e a sociolinguística analisa a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constituída do fenômeno linguístico” (GUMPERZ, 1972, p.33). No entanto, estas variedades são observadas dentro de uma comunidade de fala, ou seja, conjunto de pessoas interagindo verbalmente e compartilhando um conjunto de normas usadas lingüisticamente.

“Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. O conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado repertório verbal.”(GUMPERZ, 1972 p.32).

## 2. ESTUDO DE CASO

O material empírico que servirá como análise deste trabalho são os quadrinhos de Chico Bento, de Maurício de Souza. Os princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação da sociolinguística de Labov que, reconhecem a língua como heterogênea. Propõe-se, então, analisar e sistematizar um fenômeno linguístico em variação nos quadrinhos que serão apresentados no decorrer deste trabalho.

O personagem em estudo utiliza-se de uma variante da língua popular brasileira falada. A linguagem caipira é determinada, segundo a Sociolinguística

Variacionista, por variações tanto geográfico-regionais (diatópicas) quanto social-culturais (diastráticas).

Esta variabilidade da língua reflete as distintas características advindas de cada comunidade linguística, assim a classe social na qual o falante está inserido define o tipo de formação cultural, educacional e linguística que ele possui, no caso do Chico Bento, ele utiliza uma variante rural.

Segundo Benveniste (1976), “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”, dado que ambos só ganham existência pela língua. É pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens.

O personagem de Chico Bento pertence a uma classe social reconhecida em geral como de menor prestígio dentro da sociedade. A variante caipira é avaliada como errada pela escola, pela mídia (rádio, TV, anúncios publicitários, livros, tirinhas) enfim, pela sociedade como um todo. Possenti (2000) assegura que “quanto menos valor (isto é, prestígio) têm os falantes na escala social, menos valor tem o dialeto que falam”. Entende-se por dialeto tudo que é denominado variedade subpadrão de uma língua que está ligada as instituições menos favorecidas (desprestigiadas) socialmente. (CALVET, 1993, p.134).

Nessa perspectiva, percebe-se como as classes dominantes da sociedade aceitam somente a uniformidade da língua, ou seja, consentir somente a linguagem padronizada, aquela que é culta e formal e, conseqüentemente, a língua ensinada pelos gramáticos, como a correta, como modelo de língua para os falantes.

O indivíduo ou grupo social que não utiliza a norma padrão é estigmatizado e vítima de preconceito linguístico<sup>1</sup>.

Neste sentido, quem utiliza uma variante não-padrão está se desviando das regras gramaticais e passa a ser reconhecido como usuário de uma linguagem errônea, porém, é imprescindível afirmar que “o critério de correção não é linguístico, mas social” (POSSENTI, 2000, p.69). Logo, a sociedade assume o papel de julgadora, por intermédio da presença do poder, ela oprime o mais fraco, isto é, a pessoa menos escolarizada e classifica o certo e o errado.

---

1 Preconceito linguístico é a forma de preconceito a determinadas variedades linguísticas.

Por meio da análise dos quadrinhos de Chico Bento propõe-se mostrar as variantes linguísticas da fala desprestigiadas e frutos de correção por outras pessoas de outras comunidades linguísticas.

A linguagem de Chico Bento é conhecida como errônea e defeituosa, pois não segue a norma padrão-culta. O exemplo a seguir mostrará como ele é corrigido no próprio quadrinho e não são consideradas as variações linguísticas.

### Quadrinho 1: gibi.



Fonte: [www.monica.com.br](http://www.monica.com.br)

Notam-se as primeiras variações linguísticas, como as palavras: *ocê*, *passá*, *mior*, *qui*. Estas palavras utilizadas por Chico Bento estão em discordância com a norma padrão. O rosto do interlocutor, no caso o primo, demonstra uma inaceitabilidade na maneira que Chico fala, ou seja, para o primo, o português está completamente equivocado fugindo da norma padrão culta da qual ele está acostumado. Além disso, o primo do Chico tenta impor a língua padrão, corrigindo-o na palavra “*ocê*” para “*você*”, havendo uma estigmatização do primo contra Chico pela sua maneira de falar. Logo, nota-se o preconceito linguístico do primo em relação a fala de Chico Bento e a sua superioridade linguística. Aqui o preconceito linguístico não está somente na linguagem, mas no falante e na região geográfica onde ele vive. Quanto menor *status* este falante tiver no meio social, maior será o seu desprestígio e a sua exclusão. Aristóteles já afirmava que um atributo tem prestígio dependendo da pessoa em que ele vive. Seguindo esta idéia, Gnerre (2001) relata que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Diante do exposto, compreende-se que para o primo a fala de Chico está completamente errada de acordo com a norma padrão e ele desconhece as especificidades das variações lingüísticas de uma região para ou outra, ou seja, para o primo somente a norma padrão ensinada pelos professores no ambiente escolar é a correta. Contudo, o primo não considera a comunidade de fala<sup>2</sup> da qual Chico se encontra, ou seja, o primo não considera o meio lingüístico que Chico está inserido, no entanto, todas as pessoas desta comunidade possuem a mesma variação lingüística.

Bagno (1998), em seu livro *Preconceito Lingüístico*, aponta o mito que diz como as pessoas sem escolarização falam equivocadamente porque não utilizam a língua modelo, e, por conseguinte são detentores de um chamado *atraso mental* que os impede de seguir o padrão. Logo, a língua que utilizam é desconhecida para a classe dominante como sendo Língua Portuguesa, além de ser rotulada como detentora de muitos defeitos.

No quadrinho a seguir mostra que o pai de Chico Bento possui a mesma variação lingüística.

### Quadrinho 2: Gibi.



Fonte: NICOLA, J.de; INFANTE,U.Gramática Essencial. São Paulo: Scipione,1997,p.16.

Percebe-se neste quadrinho o léxico como: “ocê”, “trabaiá” e “nhô”. Assim, o pai de Chico também passará por um preconceito lingüístico, já que sua linguagem e a fala não estão de acordo com a norma padrão.

Segundo Bagno (1998), o problema do preconceito lingüístico não está no que se fala, mas em quem fala o quê. O preconceito lingüístico é decorrente,

2 Comunidade de fala é qualquer agregado humano caracterizado por interações regulares e frequentes, por meio de um corpo compartilhado de signos verbais, e diferenciado de agregados parecidos através de diferenças significativas de uso lingüístico. (GUMPERZ, 1972).



dessa forma, de um preconceito social. Forma-se, então, o preconceito de linguagem contra a fala de determinadas classes sociais consideradas “incultas”, e também contra a fala característica de determinadas regiões.

Para a sociolinguística, língua e fala são inseparáveis e vê a diversidade da linguística não como um problema, mas como qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. E qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades.

Os meios de comunicação em massa revelam que a linguagem de Chico Bento nos gibis utilizada em sua comunidade de fala é ponderada de depreciativo e desvalorizada. No entanto, não é difícil de verificar o motivo desta visão discriminatória, pois este processo vem sendo concedido na sociedade durante todo o percurso histórico da humanidade, Neves (1998, p.74) relata que “desde a época dos gregos até hoje a fala das pessoas que não moram em grandes cidades é associada à ideia de rusticidade, ao passo que a fala das pessoas que moram em grandes cidades é associada à ideia de autoridade”.

Além disso, a mídia, em especial a televisão, desempenha um papel relevante na disseminação dos comportamentos linguísticos considerados equivocados. Assim, a sociedade faz com que o indivíduo (homem ou mulher) se situe “necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou classe de produção” (BENVENISTE, 1976, p.96).

Labov (1983) assegura que há alterações das variedades linguísticas no que tange os limites de uma determinada variedade geográfica, haja vista diversos fatores como a idade, a posição social, grau de escolaridade, profissão, que favorecem para que haja as variedades linguísticas empregadas pelo falante, seja de ordem lexical, morfológica ou fonológica. Em fim, todos esses fatores influenciam diante da linguagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreende-se, dessa forma, os motivos das discriminações em relação à linguagem de certos grupos sociais.

A classe dominante repassa a ideia de unicidade da língua e a padroniza como um sistema fechado e avesso às modificações. Este processo faz eclodir



pouco a pouco, na conjuntura social, uma gama de mitos que são instrumentos base para a disseminação do preconceito linguístico. O resultado é uma sociedade atrelada em um universo mitológico que tem influência profícua nas ideias e na consciência das pessoas.

Este artigo buscou mostrar conceitos sobre língua e variação na sociedade. As variantes de uma língua em uma comunidade de fala rural na qual vive Chico Bento mostram como esta variedade é discriminada e desvalorizada por não seguir a norma padrão. No entanto, por meio da sociolinguística, é possível mostrar a relação entre a língua e a sociedade pela variação linguística que difere as formas da linguagem sistemática e coerentemente.

Dessa maneira, a linguagem é algo particular e que sofre variações devido aos contextos diversos na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **A Língua de Eulália: Novela Sociolingüística**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: O que é, Como se faz**. 7. ed. Loyola, 1998.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1968. \_\_\_\_\_. (1992)

**Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENVENISTE, É. **Problemas da lingüística geral**. São Paulo: Hucitec, 1976.

BLOCH, B; TRAGER, G. L. **Outline of Linguistics Analysis**. Cambridge: Cambridge, 1942.

CALVET, L. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 1993.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUMPERZ, J. J. **Language and Social Identity**. Canbridge: Cambridge, 1972.

LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1983

MASIP, V. **Interpretação de Textos. Curso de integrado de Lógica e Lingüística**. São Paulo: E.P.U:2000.

MUSSALIM, F., BENTES, A. C. **Introdução a sociolingüística..** São Paulo: Cortez, 2003.

NICOLA, J.de; INFANTE,U.**Gramática Essencial**. São Paulo: Scipione,1997,p.13-16.

POSSENTI, S. **Discurso, Estilo e Subjetividade**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Por que (não) ensinar Gramática na Escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

SAUSSURE, F.. **Curso de Lingüística Geral**. 20. ed. Trad.de. Antônio Che- lini. Et al. São Paulo: Cultrix, 1995.

[www.monica.com.br](http://www.monica.com.br)